

# Literatura egípcia e questões nacionais em um mundo pós-colonial

Stefane Soares Pereira\*  
Ana Beatriz Gonçalves\*\*

## RESUMO:

O objetivo desse texto é discursar sobre como a autora egípcia Ahdaf Soueif compreende o movimento nacionalista no Egito em *The Map of Love* (2000), assim como analisa o domínio imperial e a cultura global no tempo pós-colonial da contemporaneidade. A escrita de Soueif, em verdade revela um estado de representação complexo do crítico pós-colonial que, ao mesmo tempo, se preocupa com sua nação (terra natal), e questiona seu lugar no mundo globalizado.

**Palavras-chave:** Cultura. Colonização. Imperialismo. Nacionalismo. Pós-colonial.

## Introdução

O romance *The Map of Love* (2000) é uma obra de viés “político”, que trabalha tanto com a questão do nacionalismo egípcio quanto com as relações do Egito com potências dominantes e poderosas, como a Inglaterra e os Estados Unidos. A autora transcreve uma ficção que relata o incômodo dos egípcios para com as decisões políticas do governo no século XX. Esse sentimento preconiza as revoluções levantadas pelo país hoje e ontem.

Os relatos presentes nas cartas de Anna Winterbourne – personagem inglesa cujo diário explicita toda sua experiência enquanto estrangeira no Egito, diário que sua bisneta estadunidense tem acesso e serve como base para debater os aspectos político-econômicos do país –, são anteriores à proclamação da independência do Egito, em 1922. Anna escreve sobre sua viagem ao Egito a partir de 1900, período em que pode ver o início da luta contra a dominação europeia. Nesse contexto perpassamos um período histórico efervescente que inclui a presença da ocupação britânica no país; a disputa pelo Canal de Suez e o desejo britânico de continuar mantendo o domínio pela rota de navio para o oceano Índico – o que nos faz perceber o quanto a colonização incide ainda junto ao “progresso” imperialista-global –; o governo de Gamal Abdel Nasser; e a luta nacionalista do mundo árabe.

Ao ver, no momento em que esse texto é redigido, o Egito novamente em estado caótico de revolução contra não só o que chamaremos de “colonização independente”, o fim da divisão das “falsas” fronteiras criadas pelo outro, do imperialismo, mas, sobretudo pela busca de condições igualitárias e humanas de vida. E ao ver a comemoração de quarenta anos da guerra de Ramadan de 1973, que resultou no tratado de paz entre Israel e Egito, notamos o quanto *The Map of Love* ficcionaliza essa busca incessante das negociações de paz e justiça. A obra de Ahdaf Soueif, portanto, revela a trans-historicidade do pós-colonial, questionando a nação enquanto comunidade e identidade coletiva, como propõem Benedict Anderson (1983) e Jürgen Habermas (1987). Compreendemos o nacionalismo em Soueif e seus personagens não como algo posterior à nação, mas como um referente coconstituído.

Ahdaf Soueif ao ver-se em posição díspare, habitando tanto o Ocidente quanto o Oriente – criando personagens que apresentam a consciência desses dois “mundos” e pensam sobre as mudanças no mundo árabe, almejam melhorias na infraestrutura, na saúde e na forma de viver a vida –, a autora

se insere na cultura global e defende, por um lado, o progresso ideológico do colonizador ao defender e querer compartilhar o acesso à informação pelos egípcios e; por outro lado, a independência econômica de seu país. Em outras palavras, a escritora busca o desenvolvimento ocidental no oriente em termos ideológicos (por meio de uma “universalização” de padrões cognitivos e culturais/comportamentais), econômicos e políticos.

Procuraremos identificar, no emaranhado distinto e binário da sociedade pós-colonial, em que medida a literatura de Soueif proclama ou não o Egito como uma unidade nacional, um Estado-Nação que enaltece a homogeneidade étnica, linguística, cultural. Devemos analisar, assim, se esse nacionalismo restringe ou não a cultura em um espaço único de homogeneização.

## **Consciência pós-colonial e anseio nacionalista**

Embora reconheçamos claramente os dados históricos mencionados no livro, no instante em que, na introdução nos referimos à obra *The Map of Love* como um romance “político”, não estamos considerando a escrita de Soueif como um trabalho que se refere às mediações concretas da política de domínio imperial no mundo árabe. Pode-se dizer que, em relação ao fazer literário, talvez essas referências tenham sido demasiadamente excessivas. É possível compreendê-las, no entanto, quando pensamos sobre o lugar ocupado pelo oriente na história da literatura universal. A autora, por sua vez, pode estar situando o leitor frente aos problemas do Egito. Assim, esse seria seu maior empreendimento, uma vez que a escrita do romance se concretiza em língua inglesa.

Ao contrário do que Roberto Follari (2005) defende como ilusão, quanto à apropriação da escrita pelo escritor latino-americano pós-colonial, para falar sob a voz dos oprimidos, uma vez que esta linguagem esotérica não pode ser compreendida pelo leitor não iniciado, acreditamos que a autora egípcia tem consciência do não letramento das pessoas de sua nação. É dessa forma que Soueif narra a discrepância de pensamento entre o sujeito feminino letrado e viajado e o sujeito feminino árabe não letrado e alfabetizado. Supõe-se que Soueif aproprie-se dessa realidade para atingir o leitor iniciado (usando os termos de Follari) do mundo global, para que este se atente para os efeitos produzidos pela globalização.

O nacionalismo da autora (e, por conseguinte de suas personagens femininas, como Amal al-Ghamrawi, a narradora), assim, vai além do conjunto de representações e semelhanças de um determinado grupo; ou seja, das particularidades de um grupo em oposição às “orientações” globalizadoras e universalistas. Soueif demonstra a estrutura de sua nação e o nacionalismo como algo abrangente, um campo de batalha árabe que se esforça para obter um acordo com as oposições: o poder imperialista.

A nosso ver, a autora tem uma visão clara do conceito de cultura como fenômeno que interfere nas tradições de determinados grupos para configurá-los em um processo de modernização. Resta-nos analisar se essas mudanças são na obra de Soueif um processo de ocidentalização contraproducente. O sujeito crítico feminino narrador da trama observa a cultura como (a) o sistema de ideias desta economia mundial capitalista, (b) o resultado das nossas tentativas históricas coletivas para entrar num acordo com as contradições, as ambiguidades, as complexidades das realidades sociopolíticas deste sistema particular (WALLERSTEIN, 1999, p. 49).

Desconhecemos, na obra de Soueif, o argumento de que “não se fala realmente de política”<sup>1</sup> na teoria pós-colonial, e “se desconhece nela por completo o tema específico de como funciona o poder na política e quais são suas mediações concretas” (FOLLARI, 2005, p. 5)<sup>2</sup>. Soueif trabalha a linguagem literária considerando a ordem mundial atuante e influente e os movimentos atribuídos a

ela. Reconhece, assim, que o modelo cívico da nação “foi uma invenção do Ocidente, e sua difusão em escala mundial é comparável com a de alguns outros produtos da civilização ocidental” (ARNASON, 1999, p. 232).

A consciência política empregada literariamente por Soueif, entretanto, apoia um modelo cívico ocidental na perspectiva de integrar o mundo árabe aos assuntos e ideologias que percorrem e dominam o mundo da globalização. O nacionalismo recorrente em *The map of love* afirma-se anti-imperialista, autônomo política, economicamente e ideologicamente.

Para configurar-se ainda mais inovador, o nacionalismo de Soueif conjuga-se com a teoria pós-colonial, visto que a escritora considera a complexidade das fronteiras políticas (ao analisar as relações de controle do império britânico como o Egito “semi-independente”) e culturais na história da literatura egípcia e internacional.

Dizemos que *The map of love* é uma obra do pós-colonial – embora o romance aborde as questões tanto do colonialismo e o domínio britânico sobre o mundo árabe (o Egito, o Sudão, a Líbia, o Iraque, por exemplo, são países citados na narrativa), quanto do pós-colonialismo (no sentido nação “independente”) –, devido ao fato de o pós-colonial perpassar diversas temporalidades.

O pós-colonial revela a trans-historicidade do colonialismo, sendo este o precursor do imperialismo, da dominação e do controle sob uma ou mais culturas. O colonialismo é “algo trans-histórico, sempre presente e sempre no processo de dissolução em uma parte do mundo ou em outra”<sup>3</sup> (AHMAD, 1995, p. 9). O colonialismo, para Aijaz Ahmad possui existência contínua, apresentando-se hoje, ontem e, provavelmente, amanhã. A teoria pós-colonial privilegia o colonialismo como “o princípio da estruturação dessa história, para que tudo que vier antes do colonialismo se torne sua própria pré-história e o que quer que venha depois possa apenas estar vivo como uma consequência infinita (AHMAD, 1995, p. 6-7)”.<sup>4</sup>

Ahdaf Soueif escreve como o anjo da história de Walter Benjamin em *Illuminations* (1973). A personagem egípcia Amal e a personagem estadunidense Isabel ocupam-se do passado com o diário de Anna Winterbourne, bisavó de Isabel e tia avó de Amal. Os indícios históricos de Anna permitem pensar o presente, reconstruí-lo para se entender o Egito do século XX. Devido à calamidade presente, Soueif e suas personagens olham “para trás”, como o anjo, voltando-se para o passado a fim de entender o presente e almejar o futuro. Como o anjo, elas almejam “recompor o que foi despedaçado. Mas um vendaval está soprando do Paraíso [...] Esse vendaval o impele irresistivelmente para o futuro [...]. Esse vendaval é o que se chama progresso (BENJAMIN, 1973, p. 259).

A questão temporal nos alerta no sentido em que esta dialoga com o pressuposto nacionalista defendido por Soueif em sua escrita pós-colonial: um nacionalismo que prevê negociações a nível mundial e é capaz de olhar para o outro com as mesmas perspectivas que para si mesmo, dentro do seu próprio lugar de origem (visto que uma nação possui grupos culturais diferentes, cujos interesses se distinguem e opõem) e fora do mesmo. Em entrevista à Sabina D’Alessandro (2011), Soueif confirma o uso fraturado de eventos contemporâneos e eventos passados, para mostrar como os efeitos do período colonial perduram na era moderna. Quando D’Alessandro questiona o sentimento da autora em relação à superação da reconstrução da história, Soueif afirma que

Os Egípcios Antigos expressaram suas ideias sobre ‘como viver bem’ através do conceito de Maat. E umas das importantes ideias que informam Maat é que cada um de nós está (a qualquer instante) no centro de dois eixos: um, o eixo do tempo, que nos conecta ao passado e ao futuro, o outro, o eixo do espaço, que nos conecta a todos os outros seres vivos (incluindo o planeta) no presente momento. Viver bem envolve manter nosso relacionamento com tudo nesses

dois eixos em bom estado de conservação. Eu acredito que isso serve para as nações assim como para os indivíduos (D’ALESSANDRO, 2011, p. 125)<sup>5</sup>.

É certo que o tempo, sobretudo pela espacialidade, molda as interações sociais dos indivíduos, pois o espaço é relacional, ou seja, “parte integrante e indissociável das próprias relações sociais, constituinte inerente à condição do humano e do social” (HAESBAERT, 2010, p. 114). A integração com os dois eixos supracitados nos faz retornar à construção da identidade nacionalista das personagens egípcias da obra e de Soueif. Até que ponto o trânsito de culturas e territorialidades, isto é, a multiplicidade espacial recusa um “estereótipo homogêneo” árabe e defende uma homogeneidade ocidental. Examinaremos mais cuidadosamente com trechos da obra as questões até então levantadas.

## **O colonialismo e o império sob a visão de seus “produtores”**

Um dos fatores que devemos, a princípio, ressaltar é a complexidade cultural de uma nação, que se caracteriza por suas contradições internas (étnicas, raciais, de gênero, ideológicas, etc.). Sendo assim, não é possível unificar a identidade cultural de uma nação. Perguntamo-nos, assim, o motivo pelo qual Soueif recorre ao passado e à tradição, uma vez que “um dos valores centrais da vida egípcia é a continuidade” (D’ALESSANDRO, 2011, p. 125)<sup>6</sup>.

Soueif, contudo, não objetiva “voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele ‘tempo perdido’, quando a nação era ‘grande’” (HALL, 2006, p. 56). O grande império da civilização egípcia antiga explica o interesse das potências mundiais mais poderosas, como França e Inglaterra. Por isso, Soueif utiliza citações que abrem capítulos de *The map of Love*, como por exemplo, “Nem mesmo Deus pode mudar o passado”<sup>7</sup> (SOUEIF, 2000, p. 3), de Agathon (447-401 BC) e “Em sua primeira entrevista com o governador de Santa Helena, Napoleão disse enfaticamente: O Egito é o país mais importante do mundo”<sup>8</sup> (SOUEIF, 2000, p. 63), de Lord Cromer, (1908). A autora não celebra o retorno ao passado, pois sabe que “frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as “pessoas” para que [...] expulsem os “outros” que ameaçam sua identidade e para que preparem para uma nova marcha” (HALL, 2006, p. 56), mas exalta o passado para poder, um dia, festejar o futuro.

E esse olhar está presente não apenas na personagem egípcia de Amal, mas, sobretudo nas figuras “produtoras” do colonialismo e do imperialismo: os britânicos Anna Winterbourne e seu genro Sir Charles. Em sua viagem ao Egito, Anna se lembra a todo instante dos comentários de Sir Charles em relação às atitudes do império britânico e imagina os seus pensamentos diante das situações presenciadas no país.

Em carta escrita em 1900, Anna diz sobre um jornal que argumenta contra a Ocupação britânica. Esse jornal anti-imperialista, entretanto, embora atue fortemente no movimento nacionalista pró-independência, não atinge a maior parte da população analfabeta e iletrada egípcia. O jornal descreve os “métodos usados pelo exército britânico”<sup>9</sup> (SOUEIF, 2000, p. 67), – que continua forçando o controle e o domínio do canal de Suez e administrando o governo egípcio –; e o domínio francês que recentemente levava um contrato de terra para em Cairo planejar a construção de uma cidade. Anna descobre que o jornal “era pago por assinaturas – apesar da França ter ajudado a começar com ele – e que publica dez mil cópias por dia. O que parece um grande feito em um país onde a maioria das pessoas não pode ler”<sup>10</sup> (SOUEIF, 2000, p. 67). Anna observa o agenciamento francês contra a força imperial britânica, reconhecendo o interesse político do país ao negociar o deserto ao nordeste de Cairo e levantar uma “réplica” por meio de linhas francesas.

Outra passagem relevante que demonstra a visão crítica dos personagens Anna e Sir Charles em relação ao império britânico: Soueif relata o momento em que, após a construção do Canal de Suez – financiada pela França e pela Inglaterra –, a importância econômico-estratégica do Egito e do Sudão aumentou e o império britânico, com a justificativa da dívida dos bancos e da alta tributação requerida, ocupou-se da administração do governo em prol de seus interesses imperiais. Em 1822, a Inglaterra bombardeou o porto marítimo primário do Egito e Sudão, em Alexandria e invadiu os países. Devido à fraqueza econômica egípcia, a aliança nacionalista do Egito com o Sudão foi derrubada pelo império britânico e o Egito passa a dominar, com os ingleses, as negociações sudanesas (Convenção do Sudão). O personagem Sir Charles, junto com alguns amigos, expõe no reconhecido jornal britânico, *The Times*, um artigo de opinião quanto ao posicionamento político de seu país perante os assuntos egípcio-sudaneses.

Em 1884 nós forçamos o governo egípcio a abandonar o Sudão e deixá-lo desamparado, e agora que a oportunidade aconteceu, nós estamos tomando posse do país como se ele não pertencesse a ninguém. É um comentário no tom da era atual que nós deveríamos estar fazendo isso com a aprovação aparente, moral e religiosa, do mundo inteiro.

Isso também pareceria, de acordo com a Convenção [...] que nós estamos sobrecarregando o Egito por todo custo e mão de obra da guerra de reconquista ainda não completada e fazendo seu orçamento responsável pelos déficits do Sudão.

Essa invenção, o Império Britânico, será a ruína de nossa posição como Reino honesto (SOUEIF, 2000, p. 32) <sup>11</sup>.

Assim como Sir Charles, Anna rejeita as decisões do império britânico, considerando a ocupação do Egito e Sudão desonesta: “não era uma guerra honesta” <sup>12</sup>, era uma guerra sem propósito, “sonhada por políticos” <sup>13</sup> (SOUEIF, 2000, p. 30). O objetivo político-econômico do império é incompreensível, as demandas de recursos e trabalho não justificam as medidas colonialistas e imperiais da nação dos personagens.

Soueif nos lembra dos numerosos processos de descolonização da segunda metade do século XX (sendo 50 apenas da África), ao construir personagens críticos de seus lugares de origem (que refutam a forma como a nação britânica impõe seu poder), e recorrer a dados históricos sobre o fazer de ordem imperial. Neil Lazarus (2010, p. 41) nos lembra de que “o número mais extenso dessas descolonizações ocorreu no que tem sido o Império Britânico” <sup>14</sup>. Além disso, a autora rompe com o preceito de que: “Há ocidentais, e há orientais. Os primeiros dominam; os últimos devem ser dominados, o que geralmente significa ter suas terras ocupadas, seus assuntos internos rigidamente controlados” (SAID, 2007, p. 68).

Essa consciência do jogo político imperial britânico também está presente na figura de Edward, filho de Sir Charles e esposo de Anna Winterbourne, que fora à guerra pela ocupação do Sudão, pois “acreditava que ele deveria lutar pelo seu Império” <sup>15</sup> (SOUEIF, 2000, p. 217), e retornou com grande transtorno psíquico, profunda tristeza e ausência. A doença de Edward, causada pela guerra, representa a culpa colonial.

Soueif relata sua inspiração sobre a afirmação supracitada de Sir Charles em *The Times* em entrevista à D’Alessandro (2011, p. 126) e explica a doença de Edward:

Primeiramente, Sir Charles baseia-se no diplomata britânico e poeta Wilfred Scawen Blunt, que era vivo e ativo durante o fim do século XIX e início do século XX. A carta é quase uma citação *verbatim* de uma anotação de seu *Journals*. Eu

concordei com o sentimento dele e o achei admirável ao expressar isso em um tempo em que a maré do Império estava em seu auge. Eu realmente acredito que a ganância, e o querer o que não é seu, e recorrer à violência e desonestidade para conseguir isso está depravando as nações e as pessoas. E eu acredito que pessoas boas que percebem que estão envolvidas nos fazeres errados de seus países não se levantam contra isso e sofrem muito com sua consciência e sua alma<sup>16</sup>.

Vê-se, dessa forma, que os personagens estrangeiros de Soueif não são, em verdade, produtores da nação britânica dominadora, imperialista e colonialista, mas representações de identidades nacionais que questionam os fenômenos globais, a centralização do capital e, por conseguinte, do poder mundial em sua trans-historicidade. Chamaremos, por isso, essa representação literária de sujeitos conscientes de seus papéis em nível não apenas local e regional, mas principalmente global, de nacionalismo pós-colonial global.

### **Feminismo e ideologia “ocidental”**

A experiência migrante da personagem Amal (que já viveu na Inglaterra e retornara ao Egito) e o sentimento de hospitalidade de Anna (personagem inglesa que migra para o Egito), atraída pelas formas artísticas, mostram a migração não como fuga, exílio ou busca de identidade; mas como um encontro de um novo ser, uma nova vivência. O migrante rompe com a “comunidade” da nação, a “unicidade” e “singularidade” do corpo nacional. Se os seres humanos têm a tendência de reconhecerem a si mesmos como cidadãos das nações ou membros sanguíneos de grupos étnicos, a migração cada vez mais expõe a insuficiência dessas formas de autoidentificação (LAZARUS, 2010).

Em uma passagem de *The Map of Love* a personagem Amal expõe a necessidade de informar o sujeito feminino e masculino sobre o controle da natalidade. Amal ironiza a crença religiosa de que a criança é uma dádiva divina e Deus ajuda a cuidar dela. Sua ajudante doméstica Tahiyya está grávida da quinta criança, trabalha arduamente, como seu marido. Amal questiona o sentimento de pena que Tahiyya expõe ao seu marido, que tem diabetes, com o pensamento da estadunidense Isabel, bisneta de Anna Winterbourne. Esse pensamento, entretanto, é da própria Amal:

[Tahiyya] “Todo o dia ele está trabalhando, e ele tem diabetes. A saúde dele não é o que costumava ser.”

[Amal] Eu posso ouvir Isabel: a diabetes dele não o fez parar de engravidá-la. Quando a saúde dele era o que costumava ser, ele acordava e acalmava as crianças à noite? Mas essa é Isabel? Ou são esses os meus pensamentos na voz de Isabel? (SOUEIF, 2000, p. 77)<sup>17</sup>.

Esse pensar sobre a questão da mulher no ponto de vista da personagem egípcia Amal, preconizando a ideologia ocidental e, nesse sentido, considerando-o um sistema total e coerente, marca a luta por uma democracia de conhecimento e escolha dos aspectos da vida social. É uma visão que dialoga contra a perspectiva Orientalista (sobre o *Orientalismo*, de Edward Said), ou seja, contra a invenção de que o Oriente constitui-se no contraponto com o Ocidente e a Europa.

É importante ressaltar que Tahiyya é analfabeta, não reconhecendo o exame de raio X que, inclusive, é escrito em inglês. O exame em língua inglesa demonstra a imposição político-cultural do império britânico, o uso da língua como ferramenta de domínio social. Os vocábulos “soltos” em árabe na narrativa afirmam a diferença singular do sujeito que migra sob a experiência ocidental e

oriental. A escrita em inglês de Soueif em todos os romances escritos pela escritora, assim, revela a preocupação do crítico pós-colonial em promover uma reflexão das representações coloniais e sua presença imperialista global.

Soueif demonstra que a classe das mulheres, os professores, os voluntários são todos considerados terroristas pelo governo egípcio liderado pelo império britânico. Amal batalha para que uma escola (cuja manutenção era mantida pela vila, com funcionários voluntários) que fora fechada pelo governo fosse reaberta. Interessa-nos o questionamento da egípcia, mãe de Am Abu el-Ma'ati quando Abd el-Nasser implantou a reforma territorial de 1963, em que muitos perderam grande parte de terras: “O que mais nós devemos perder? Seremos nós mandados para fora desse país também?”<sup>18</sup> (SOUEIF, 2000, p. 123). Novamente, Soueif mostra que a mulher egípcia (mesmo não migrante) possui uma consciência nacionalista, não se enquadrando no estereótipo de sujeito ignorante e primitivo oriental. Veremos, a seguir, mais um exemplo.

Além de Amal, a inglesa Anna Winterbourne esforça-se, aprendendo o árabe, para que possa traduzir artigos sobre “a questão da mulher” (SOUEIF, 2000, p. 237)<sup>19</sup>. Em carta à Sir Charles Anna afirma que o inglês acharia as mulheres árabes do harém, como da síria Zeinab Fawwaz, interessantes, pois apesar de defenderem o papel social da mulher como sujeito produtor e mantenedor dos fazeres domésticos, apropriam-se de um discurso contra a circunscrição da mulher, rompendo com o estereótipo de inatividade e indolência do sujeito feminino. Fawwaz diz que estas mulheres da família devem estudar, pois a mulher pode “exercer essa tarefa melhor se melhor educada”<sup>20</sup> (SOUEIF, 2000, p. 237).

Ao traduzir textos dessas mulheres que estão imersas na problemática da mulher árabe Anna contribui para uma nova visão do Oriente, assim como Soueif o faz ao escrever seus romances em uma língua universal.

O nacionalismo de Amal, por um lado, integra a mulher árabe ao contexto global e, conseqüentemente, ocidental. O sujeito feminino estaria, assim, informatizado para determinar seu posicionamento (a favor ou não da tradição egípcia, do imperialismo e do colonialismo). Por outro lado, a imagem do pensamento moderno de Amal se contrapõe ao retrato “inferior” da mulher árabe. Esse nacionalismo “liberal” (que envolve a nação e os aspectos da modernidade) é mais que liberal, é pós-colonial, por combater forças de desigualdade e abranger a complexidade das fronteiras políticas e culturais, e desempenhar uma função estratégica na discussão dos símbolos e papéis sociais.

## Conclusão

A obra de Ahdaf Soueif percorre diferentes fronteiras linguísticas e culturais. E nesse contexto transcultural demonstra a instabilidade complexa do contínuo processo de construção identitária dos sujeitos descolonizados que se integram ao discurso pós-colonial. O posicionamento pós-colonial da autora nos faz examinar continuamente a dominação ocidental, o imperialismo, o feminismo e a luta pela igualdade (na política, no gênero, na escolha ideológica). O nacionalismo de Soueif abrange não apenas sua nação de origem, mas os espaços globais e suas dinâmicas “mutuamente” determinadas e aceitas.

O retorno aos fatos históricos do governo egípcio e sua subordinação político-econômica britânica explica não só a dependência dos poderes imperiais, a ausência de investimento em educação (opressão ideológica) e necessidades básicas, a produção literária não numerosa; mas, sobretudo, o sentimento nacionalista pós-colonial pluriescalar que se ocupa das participações das massas, englobando crenças e práticas diferenciadas, as quais se conjugam unilateralmente na complexa dialética socioglobal.

## Egyptian literature and national issues in a post-colonial world

### ABSTRACT:

The aim of this text is to discuss about the way in which the Egyptian author Ahdaf Soueif understands the nationalist movement in Egypt in *The Map of Love* (2000), as well as analyze the imperial dominance and the global culture in the contemporary post-colonial era. Soueif's writing, in fact, reveals a complex state of representation of the post-colonial critic who is, simultaneously, worried about her/his nation (homeland), and doubtful about his/her place in the globalized world.

**Keywords:** Culture. Colonization. Imperialism. Nationalism. Post-colonial.

### Notas explicativas

\* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora e atual professora substituta do Colégio de Aplicação João XXIII da mesma instituição.

\*\* Professora Titular do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>1</sup> “No se habla realmente de política” (Tradução nossa).

<sup>2</sup> “se desconoce en ella por completo el tema específico de cómo funciona el poder en la política y cuales son sus mediaciones concretas” (Tradução nossa).

<sup>3</sup> “a trans-historical thing, always present and always in process of dissolution in one part of the world or another” (Tradução nossa).

<sup>4</sup> “the principle of structuration in that history, so that all that came before colonialism becomes its own prehistory and whatever comes after can only be lived as infinite aftermath” (Tradução nossa).

<sup>5</sup> “The Ancient Egyptians expressed their ideas about ‘how to live well’ through the concept of Maat. And one of the important ideas that inform Maat is that each one of us is (at all times) at the centre of 2 axes: one, the time axis, connects us to the past and the future, the other, the space axis, connects us to all other living things (including the planet) in the present moment. Living well involves keeping our relationship to everything on these two axes in good repair. I believe this holds for nations as well as for individuals” (Tradução nossa).

<sup>6</sup> “one of the values central to Egyptian life is continuity” (Tradução nossa).

<sup>7</sup> “Even God cannot change the past” (Tradução nossa).

<sup>8</sup> “In his first interview with the Governor of St Helena, Napoleon said emphatically: ‘Egypt is the most important country in the world.’” (Tradução nossa).

<sup>9</sup> “the methods used by the British army” (Tradução nossa).

<sup>10</sup> “it was paid for by subscriptions- although the French may have helped to begin with – and that it prints ten thousand copies a day. That seems a great many in a country where most people cannot read” (Tradução nossa).

<sup>11</sup> “In 1884 we forced the Egyptian Government to abandon the Soudan and leave it derelict, and now, the opportunity having occurred, we are taking possession of the country as belonging to nobody. It is a comment on the tone of the age that we should be doing this with the apparent approval of the whole world, moral and religious. It would also appear, according to the Convention [...] that we are saddling on Egypt the whole cost and labour of the war of reconquest not yet completed and making her budget responsible for the Soudan deficits. This invention, the British Empire, will be the ruin of our position as an honest Kingdom” (Tradução nossa).

<sup>12</sup> “was not an honest war” (Tradução nossa).

<sup>13</sup> “dreamed up by politicians” (Tradução nossa).

<sup>14</sup> “The largest number of these decolonizations occurred in what had been the British Empire” (Tradução nossa).

<sup>15</sup> [He] believed he should fight for his Empire” (Tradução nossa).

<sup>16</sup> “Firstly, Sir Charles is based on the British diplomat and poet Wilfred Scawen Blunt who was alive and active during the late 19<sup>th</sup> and early 20<sup>th</sup> Centuries. The letter is an almost *verbatim* quote from an entry in his *Journals*. I agreed with his sentiment and thought him admirable to express it at a time when the tide of Empire was on rise. I do believe that greed, and wanting what isn't yours, and resorting to violence and deceit to get it are corrupting



- to nations and to people. And I believe that good people who realize that they are implicated in their country's wrongdoing but do not stand against' it suffer greatly in their consciences and their souls" (Tradução nossa).
- <sup>17</sup> "[Tahiyya]'All Day he's working, and he's got diabetes. His health isn't what it used to be.'[Amal] I can hear Isabel: his diabetes didn't stop him getting her pregnant. When his health was what it used to be, did he wake up and soothe the kids at night? But is it Isabel? Or are these my thoughts in Isabel's voice?" (Tradução nossa).
- <sup>18</sup> "What more should we lose? Will we be thrown out of this country as well?" (Tradução nossa).
- <sup>19</sup> "the woman question" (Tradução nossa).
- <sup>20</sup> "can perform this duty better is she is better educated" (Tradução nossa).

## Referências

- AHMAD, Aijaz. The politics of literary postcoloniality. In.: *Race and Class*, v. 36, n. 3, 1995.
- ANDERSON, Benedict. *Imaginary communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London: Verso, 1983.
- ARNASON, Johann P. Nacionalismo, globalização e modernidade. In: FEATHERSTONE, Mike. *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 221-249.
- BENJAMIN, Walter. *Illuminations*. Londres: Fontana, 1973.
- D'ALESSANDRO, Sabina. *The politics of representation in Ahdaf Soueif's The map of love*. Bern: Peter Lang, 2011.
- FOLLARI, Roberto. Lo poscolonial no es lo posmoderno: la estetización llevada al paroxismo. In.: *Utopía y praxis latinoamericana*; ano 10, n. 28, enero-marzo, 2005, p. 71-82.
- HABERMAS, Jürgen. *Eine art shadensabwicklung*. Frankfurt: Suhrkamp, 1987.
- HAESBAERT, Rogério. *Regional-global: dilemas da região e da regionalização na Geografia Contemporânea*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP. & A, 2006.
- LAZARUS, Neil (Ed.). *Postcolonial literary studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SOUEIF, Ahdaf. *The map of love*. New York: Anchor Books, 2000.
- WALLERSTEIN, Immanuel. A cultura como campo de batalha ideológico do sistema mundial moderno. In: FEATHERSTONE, Mike. *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 41-67.

Recebido em: 15 de outubro de 2013

Aprovado em: 26 de março de 2014